

RETROSPECÇÃO E ESTEREOTIPIA. IMAGENS URBANAS SOBRE O CAMPO*

Maria Onice Payer

O tema de que trata este texto - a retrospecção e a estereotipia enquanto modalidades discursivas de abordagem do campo - se inscreve no conjunto das questões relativas às relações simbólicas e imaginárias que se formam entre a cidade e o campo, entre seus sujeitos, seus objetos, seus espaços, no processo que constitui e sustenta, nesse domínio, o processo da urbanização.

Considerando essas modalidades discursivas como sócio-historicamente produzidas, enquanto parte do sistema simbólico pelo qual se forma e se rege a cidade, nos detemos aqui em uma série de imagens que, na experiência urbana, constituem os objetos de referência dos discursos, tanto quanto o imaginário dos sujeitos que se engendram seja no desenvolvimento de regiões interioranas e suas mobilidades, seja na constituição das metrópoles, sobretudo através do fenômeno da imigração que lhes é próprio. Essas imagens são projetadas sobre o plano de fundo do contexto complexo da

* Este trabalho se desenvolve vinculado ao projeto de pesquisa "Sentidos Públicos no Espaço Urbano", do Laboratório de Estudos Urbanos, no Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Unicamp), cujo objetivo é estudar os espaços urbanos enquanto perpassados pela simbolização que, pelas vias da linguagem, verbal ou não, constitui suas diversas práticas. Os objetos visados nesse projeto se situam nos pontos de interseção entre a constituição física da cidade, em seus problemas concretos, e os processos simbólicos, não menos reais e eficazes, das práticas e dos sujeitos que se enredam nela.

Rua, Campinas, 2:83-101, 1996

interferência entre as diferentes práticas que formam o tecido urbano, sobretudo entre o desmanchar-se de certas paisagens rurais e a reformulação contínua das cidades.

Desde a montagem inicial das nossas cidades até hoje, há uma acelerada movimentação do homem e de seus sentidos, com direções múltiplas e desiguais. Sem desconhecer os riscos de linearizá-las neste esforço de discernir alguns dos seus trajetos, consideramos aqui basicamente aquelas que vão em duas direções contrárias: uma, a que acompanha o movimento do exterior para o interior, seja conformando a cidade brasileira a partir de parâmetros estrangeiros¹, seja na expansão do modo de vida urbano para as regiões interioranas do país. Neste caso, as práticas e os objetos formados nas experiências de simbolização urbanas se difundem sobre as interioranas/rurais. Uma outra direção é a que vai do interior para o espaço urbano, acompanhando o movimento do homem rural na migração ou no desenvolvimento das pequenas cidades, em todo o país².

Dessa mobilidade surge a questão visada em nosso trabalho. As práticas de linguagem no campo e na cidade se caracterizam por diferentes traços, com modos distintos de relação do indivíduo com a língua, com diferentes universos e objetos simbólicos, na constituição de si e do outro enquanto sujeitos³. No contexto dessa

¹ Sérgio Buarque de Hollanda (1936) nos mostra diferenças entre cidades brasileiras e latino-americanas quando formadas por colonizadores portugueses e espanhóis; enquanto estes últimos estabeleciam um traçado inicial, seguindo uma lógica geométrica, indicando uma projeção de sua fixação no lugar, as cidades dos portugueses iam sendo construídas com um desenho que se formava por uma funcionalidade prática de um habitante transeunte, interessado no comércio fácil.

² Embora nosso processo de urbanização tenha uma longa história, é ao período subsequente à segunda grande guerra que se remete enfaticamente essa denominação, no Brasil. Os especialistas mostram a rapidez da reviravolta que torna o Brasil urbano: a economia da maior parte das capitais brasileiras era até então fundada na agricultura. Embora na perspectiva com que trabalhamos não é o suficiente o critério do lugar empírico de habitação para dizer que um indivíduo ou população se define como urbano(a) ou rural, é importante notar que no período entre os anos de 1940 e 1980 inverte-se o lugar de residência do brasileiro: enquanto em 1940 a urbanização atingia 26,35% da população, em 1980 alcança 68,86%. Em 1991 é estimada em 75% (Cf. Milton Santos, *A Urbanização Brasileira*, 1993).

³ Diversas análises apontam essas diferenças. Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989), pelas perspectivas da Análise de Discurso, da Teoria da Enunciação e da Sociolinguística, focalizam as relações argumentativas,

mobilidade surgem sobreposições, reposições, deslocamentos de sentidos, não só entre esses distintos universos de referência das diferentes práticas, mas também entre as suas formas de linguagem, de modo que passam a concorrer no mesmo espaço e no mesmo homem. Neste sentido, de par com outras questões que envolvem a cidade, a proposta geral deste trabalho é tentar observar e compreender os "destinos" que aqueles traços relativos ao sistema simbólico rural tomam no espaço urbano, diante de (ou no interior de) um outro universo de discursos, e com suas materialidades lingüísticas próprias.

1. Imagens sobre o campo

No quadro dessa preocupação geral, começaremos por percorrer diversos textos e campos discursivos a fim de notar o modo como se encontram organizados, nos discursos que circulam no meio urbano, imagens, sentidos, dizeres diversos sobre o campo, o homem rural, a paisagem, a natureza, o trabalho. O valor dessas observações para o

comunicativas e discursivas entre agricultores e técnicos agrícolas. Neste trabalho encontramos pela primeira vez o conceito de *formação discursiva* referido à produção de linguagem dos agricultores. Em suma, esta é descrita como apresentando, através de falas de tipo didático-dialogal, o princípio fundamental de que "a conversa pertence metade àquele que fala, metade àquele que ouve"; uma relação de interlocução feita não "de uma sucessão de "turnos" fechados em si e posteriormente colocados em relação, mas como (...) um fluir em que não se separa categoricamente o que é de um ou de outro interlocutor"; e o deixar "agir, sem tentar apagar, a incompletude da linguagem (...), sem o afã de encaminhar a conversa para um fim" (p. 142,143). Em nossa dissertação de Mestrado (Payer, 1993) observamos que as falas dos lavradores apresentam advérbios, pronomes e formas de citações precisos e com referência a um grupo de indivíduos também preciso, o qual é referência da impressão de universalidade dos seus sentidos, porém estes são interpretados por discursos exteriores como não apresentando generalização. Isto se dá em uma relação simbólica denominada por Pêcheux de *sobredeterminação*, de modo que as generalizações que os lavradores fazem em suas falas acabam sendo tomadas como exemplos concretos de outras falas que se querem mais abrangentes e universais. Morello (1995) mostra alguns traços de heterogeneidade enunciativa no contexto da linguagem oral do meio rural, onde, em situações de discurso relatado, as vozes citantes não se distinguem das vozes citadas. Em Bordenave (1983) encontram-se elementos sobre a leitura do texto escrito por populações rurais, a qual se dá em processos que nos deixam notar a primazia da oralidade sobre a escrita, e de uma perspectiva de observação dos objetos que não é mediada pelo signo gráfico. Maria Inês Signorini (s/d) analisa aspectos do entrelaçamento entre as linguagens verbal e gestual dos lavradores.

Rua, Campinas, 2:83-101, 1996

conjunto das questões mencionadas é que essa organização imaginária sobre o rural se insere em uma rede de memória a partir da qual os indivíduos vão se relacionar, na cidade, com as referências simbólicas de um e de outro, no contexto da imigração e da urbanização de um modo mais geral.

Nesse sentido, vamos focalizar duas modalidades textuais-discursivas que se encontram de modo recorrente nos dizeres produzidos no espaço urbano, que de alguma forma aludem ao mundo rural: a *retrospecção* e o *estereótipo*. Elas se encontram fartamente na mídia, na literatura, nas biografias, na música, e, de modo mais difuso, na linguagem cotidiana de diversas práticas institucionais. A partir da observação de alguns de seus aspectos formais específicos, abordaremos o funcionamento dessas formas textuais-discursivas em contextos de imigração e de urbanização.

1.1. Retrospecção

Em diversos tipos de textos - literários, jornalísticos, de humor, de biografia - sob a forma da *retrospecção*, os temas relativos ao universo rural são situados em um espaço simbólico-discursivo da lembrança: saudades, nostalgia, reminiscências de um rural da infância têm seu lugar de direito em vasta literatura.

Procurando compreender este fato de linguagem em sua dimensão discursiva, vamos encontrar algumas indicações de valor no trabalho de Raimond Williams *O campo e a cidade*, em que o autor se ocupa, entre outras coisas, da produção literária sobre o campo ao longo da história e da literatura inglesas, a que ele próprio atribui o caráter de exemplaridade em suas análises, o que permite estendê-las a outros contextos. Embora nosso interesse não se limite à configuração das imagens sobre o campo na literatura, acompanharemos um pouco o trabalho deste autor, o suficiente para observar a produção em grande escala de sentidos e imagens amplamente difundidas, que apresentam o campo de um determinado modo, sob diversas formas de *retrospecção*.

De fato, R. Williams encontra a *retrospecção* como uma forma literária tão recorrente de abordagem do campo que, dos mais modernos aos mais antigos, os autores sucessivamente dizem que antes deles o seu país era mais rural, que o seu tempo é o

tempo do desaparecimento do campo, bem como das características humanas que são associadas a ele. Desse modo, procurando passo a passo qual seria o momento do início da produção de retrospecto sobre o rural na literatura e na história, Williams sucessivamente encontra e persegue a produção de um recuo para um passado rural distante, até que isto se confunda, já em épocas remotas, com o *bucolismo* enquanto forma própria de abordagem do campo, num sentido mais restrito.

1.1.1. *Bucolismo*

Acompanhando a produção de literatura bucólica em períodos históricos diversos, e perguntando-se mesmo pelo que entender por *bucolismo*, em sua fusão com a retrospecto através do *mito de um passado rural paradisíaco*, o autor comenta uma variedade de modos de referência ao campo na literatura, sempre recuando até o que seriam os mais antigos textos significativos sobre a vida campestre. Assim ele situa *O trabalho e os dias*, de Hesíodo, na Beócia, no século IX a.C., como uma "*epopéia da lavoura, no sentido mais amplo do termo: a prática da agricultura e do comércio no contexto de uma forma de vida em que a prudência e o esforço são considerados as virtudes fundamentais*"⁴. São elementos significativos desta obra por um lado a ênfase no trabalho, e por outro a introdução do *tempo* na significação, pela divisão do ano em períodos de arar, cuidar dos vinhedos, cuidar dos porcos, carneiros e cabras, e ainda, através da cronologia das cinco idades, que iniciava por uma remanescente Idade do Ouro, em que "*distantes e livres do mal e da dor (...) (os homens mortais) dispunham de todas as coisas boas, pois a terra frutuosa por si própria gerava-lhes frutos, com abundância e generosidade*"⁵, e chegando à Idade do Ferro, a do trabalho presente, na qual o poeta se dizia incluído.

Os poetas bucólicos gregos, conta-nos Williams, aparecem cerca de seis séculos depois, no III a.C., dando início, possivelmente a partir de concurso de cantos em

⁴ Williams, op. cit., p. 28.

⁵ *Works*, Hesíodo, Org. e trad. H. G. Evelyn White; Londres, 1914 (reimpr. 1954); 11, apud Williams, op. cit., p. 29.

comunidades de camponeses, no mundo helenístico, à forma literária do "bucólico" no sentido estrito. Segundo o autor, esta produção literária tem uma base diferente daquela de Hesíodo: o trabalho normal não é mais a agricultura mas o pastoreio de cabras, carneiros e vacas, conforme aparece nos idílios de Teócrito. O universo dessa poesia é o de comunidades simples, convivendo ora com a possibilidade da miséria, ora desfrutando as delícias do verão e da fertilidade com um acentuado prazer, dada a lembrança e a perspectiva do inverno, da esterilidade e dos imprevistos.

Já *As Bucólicas*, de Virgílio, de dois séculos depois, é considerada uma obra com um pouco mais de idealização do que os idílios de Teócrito, embora apresente ainda as perturbações da vida rural da Itália natal do autor a se intrometerem na arcádia poética distante. Nesta obra o contraste que aparece é entre os prazeres da vida no campo e as ameaças de confisco da terra e das perturbações ocasionadas pela guerra, os combates civis e as situações de caos político das cidades. Virgílio difere ainda dos poetas anteriores quanto à apresentação da *paisagem*: enquanto em Teócrito a paisagem rural é de um passado imediato e próximo; e em Hesíodo a idade de ferro do trabalho é o presente imediato, contrastando com a idade do ouro enquanto lembrança mítica e distante, em Virgílio a paisagem do passado rural permanece distante e se confunde com a própria arcádia, produzindo a imagem de uma terra em que a lavoura é desnecessária. Contudo, apesar dessa idealização, nas *Geórgicas* Virgílio ainda descreve de modo prolongado e detalhado o ciclo anual de trabalho do lavrador, seus instrumentos, métodos, riscos, inimigos, artes e tarefas infundáveis.

Apesar da presença de certos "tons e imagens" de um tipo ideal, Raimond Williams enfatiza nessas obras do bucolismo clássico *os contrastes*, de ordens diversas, que aparecem em *uma mesma comunidade*: um passado de ouro e um presente de ferro, a fertilidade do verão e a esterilidade e intempéries no inverno, os prazeres do campo e os conflitos da guerra, etc.. Nesse sentido, conclui Williams, esses autores podiam "*levantar as questões mais sérias da vida e de seus objetivos no mesmo mundo em que os trabalhos da lavoura e da canção pastoril (...) existiam.*"

É significativo o fato de que a esta literatura - que apresenta *contrafaces* como as de dor e de prazer, produtividade e esterilidade etc. - seja atribuída a capacidade de "*levantar as questões mais sérias da vida e de seus objetivos*" tendo por tema o campo.

Esta capacidade é possível de lhe ser atribuída, no nosso entender, porque nela as tensões são consideradas no interior de *uma mesma unidade*, de um mesmo grupo humano - rural. É que a produção dessa literatura se dá em um período em que não se apresentavam nitidamente as diferentes formas de vida do campo e das cidades; na medida em que essas diferenças vão tomando forma, a representação de uma *unidade com tensões* tende a desaparecer. Daí em diante, passa-se a representar e a *contrastar duas unidades entre si* (campo e cidade), fazendo coincidir a distinção entre ouro e ferro, fertilidade e esterilidade, prazer e conflito, com a diferenciação dos ambientes urbano e rural. E isto de maneiras diversas, puras ou nuançadas. É desse modo que vai-se dar início à produção de "mil relatos adocicados de um mundo rural só de paz e delícias".

É o que se pode notar na retomada desse bucolismo clássico, em que as tensões vão sendo eliminadas passo a passo. Williams observa isto na obra dos neobucólicos, em duas épocas distintas: primeiro, a do romance pastoril, que realiza um recorte no bucolismo anterior, retendo dele apenas os elementos da *beleza natural*, descrita às vezes sob uma perspectiva que introduz a observação do cientista ou do turista (século XV), abrindo a tradição da "*poesia da natureza*", tão vigorosa que persiste até hoje, bem como a do *amor palaciano* de ninfas e seus pastores. A base da diferença apontada pelo autor é que no bucolismo clássico os pastores cantavam canções de amor entre outras coisas que faziam, enquanto que os pastores e ninfas do neobucolismo são puras *figuras* do amor romântico dos entretenimentos palacianos. Assim, as referências ao campo nestas obras o produzem como *formas* e *alegorias*, enquanto recursos literários pelos quais se apresentam não mais do que os interesses da corte: eram "*cortesãos bancando pastores*", diz Williams, para, "*sob o véu de gente rude de fala rude, insinuar e esboçar assuntos elevados*". Tanto assim que, de tanto os cortesãos bancarem pastores, produz-se a fantasia, presente na literatura posterior, de que os pastores originalmente eram aristocratas. Essas novas formas do bucolismo, no entender de Williams, constituíram "*uma mudança significativa e tão avassaladora que (...) o significado moderno comum do bucólico, no discurso crítico de escritores do século XX, é derivado dessas formas*", e não das do bucolismo anterior. Bucolismo passa então a ser entendido como sinônimo de pitoresco, de toda forma de usar *recursos simples* para *generalizações complexas*, e isto não necessariamente em relação ao campo.

Temos aqui, então, um dos desenvolvimentos da separação acima mencionada das unidades "rural" e "não-rural". As oposições entre o *simples* e o *complexo*, o *particular* e o *geral*, o *objeto* e o *símbolo*, a *natureza* (o *animal natural*) e o *homem* (*animal simbólico*), presentes toda vez que a questão é o campo e o homem do campo, se encontram num ponto de estrangulamento da possibilidade e do direito de pensar e de simbolizar. A questão de fundo é a da *unidade* e da *não-unidade*, é de onde se estabelece o lugar ou os lugares de produção dos sentidos, é a da existência de apenas uma possibilidade de sujeito universal ou de uma multiplicidade deles, dadas a(s) formação(ões) discursiva(s) e os sistemas simbólicos em questão.

Um outro período do neobucolismo comentado por Williams é aquele em que poetas circulavam pelas mansões que iam sendo construídas no campo, no período do desenvolvimento agrário inglês, na passagem do mundo feudal para o burguês, em que o bucolismo tradicional de um passado rural antes imaginado (na poesia e na pintura) ganhava existência concreta nas fazendas. Desse modo, diz Williams, dá-se uma "*conversão do bucolismo convencional em um sonho localizado, nas fazendas*"⁶. Daí uma idéia bastante difundida de que o proprietário rural inglês setecentista, com a ajuda de paisagistas, poetas, pintores, inventou e construiu concretamente a própria *beleza natural*, nas fazendas. Williams aponta nestas obras uma re-localização das formas: as ninfas e pastores do romance neo-pastoril com seu amor palaciano dão lugar a passeios no campo, a cenas de tranqüilidade e inocência, de fartura simples do interior. Além disso, produz-se uma visão do campo como paraíso criado pelo proprietário e sua mulher, tendo sempre como preocupação a *criação da paisagem*, o que se dava através de montagens cuidadosas conforme os ângulos de olhar sobre ela, com recursos combinando espaço e luz. O trabalhador resta ausente de tais descrições, e o trabalho fica subentendido como se fizesse parte de uma ordem natural, que subsume a social. Desse modo, fica ressaltada agora não mais a natureza, como no período anterior, mas a *paisagem construída*, por proprietários, poetas e pintores.

Como podemos notar, o que toma corpo nessas novas formas de bucolismo são os meandros da elaboração de imagens *idealizadas* sobre o mundo rural. Neste sentido, a

⁶ Williams, op. cit., p. 43.

retrospecção se dá em uma literatura de fuga para o campo enquanto algo que já não existe mais, ou que existe na imaginação artística de poetas e pintores. Ou ainda, como mostra o autor, são imagens idealizadas de uma espécie de rural que só passou a existir de fato nas fazendas porque construído por imitação das pinturas bucólicas, por sua vez baseadas em cenários criados pela imaginação literária. O homem do campo ali raramente aparece, e quando isso ocorre, é parte da paisagem natural descrita.

Como parte dessa imaginação bucólica e retrospectiva emerge fundamentalmente uma prática de descrição de paisagens. Esta prática deixa exposta, como vimos, a produção de um lugar de observação externo ao objeto-paisagem descrito. Ela permite notar um modo *distanciado* de olhar sobre o campo. O próprio sentido de paisagem, como assinala Williams, supõe um *ponto de observação*. E também, pode-se acrescentar, supõe um conjunto de *objetos* distantes que se dão à observação. *Observador* e *objeto*, separados por um *espaço*, são os componentes dessa retrospecção descritiva de paisagens. O campo apresentado nesse tipo de produção discursiva é, pois, o campo enquanto natureza ou paisagem, objeto de contemplação. Como lembra Williams, *country*, inicialmente, significa qualquer "*espaço que se abre diante do olhar*".

1.1.2. Antibucolismo

Williams fala também da produção de imagens antibucólicas sobre o campo, numa época em que o suave contraste tradicional entre vida urbana e campestre toma a forma de uma consistente cisão ideológica, e isto se formula também na produção literária. Ele fala de Roma e de Londres nos séculos XVI e XVII, onde as complexas transformações ocorridas nas relações de propriedade durante o período de dissolução do feudalismo se tornavam proeminentes, sobretudo com o aparecimento de profissões ligadas ao comércio e à advocacia, ali incluído o comércio de propriedades rurais, que motivava também transações casamenteiras. Assim se apresentavam por um lado figuras que eram associadas a uma nova ordem social, que invadia e destruíra a ordem anterior, supostamente inocente e tradicional, de uma sociedade economicamente ainda baseada no campo. E por outro lado, uma vez apresentados de forma bem visível, na literatura, os

diversos submundos urbanos com seus personagens exóticos - "caftens, proxenetas, acompanhantes profissionais, donos de salões, malandros mediadores" - tornava-se fácil projetar como contra-face os personagens simples recém-chegados do interior com sua inocência natural, descritos no seu modo desajeitado diante daqueles outros surpreendentes personagens. Nas comédias do período da Restauração (1603-25), indica o autor, o contraste entre "campo" e "cidade" é assinalado com freqüência, e com uma certa ambigüidade em que se lêem valores antibucólicos evidentes. *"As peças, escritas por e para os membros da sociedade elegante da cidade", diz Williams, "evidentemente manifestam sentimentos ansiosos de rejeição - ou a aparência necessária de rejeição - da vida rural, vista como grosseira, desgraciosa ou simplesmente tediosa. Certos estereótipos rurais são formados: uma Blackacre, uma Hoyden ou um Tumblelly Clumsey... É fácil rir desses tipos numa conversa descontraída em sociedade. Afastados das mansões rurais que ainda sustentavam muitos deles, os membros da sociedade urbana criaram a forma de antibucolismo mais arrasadora que se pode imaginar. A partir dessa perspectiva, o que se via agora era*

um casarão disforme e isolado, que parece desabitado, de tão pequena que é a família. Lá, senhor, encontrareis minha mãe, uma tia velha e manca e a mim, todos empoleirados em cadeiras afastadas, num amplo salão, aborrecidos, como três ou quatro pássaros melancólicos num aviário espaçoso" (Juvenal, *The sixteen satires*, apud Williams.)⁷

A produção dessas imagens antibucólicas, contudo, de certo modo antecipa a produção da forma do estereótipo, antes de se ajustar totalmente a uma classificação enquanto modo de retrospecção rural, como a situa R. Williams. Não se pode deixar de lembrar, neste ponto, a figura do caipira também presente, de um modo próprio, em nossa literatura, sobretudo com Lobato, e posteriormente retomada no cinema por Mazzaropi. Em ambos, a figura do Jeca aparece na contra-face entre a idéia de desenvolvimento urbano e atraso rural do Brasil, seja no primeiro caso enquanto figura doente carente de cura (pelo biotônico Fontoura, pretendido impulso para o trabalho), verdadeiro obstáculo

⁷ Williams, op. cit., p. 77.

ao progresso do país, seja no segundo caso enquanto figura primitiva resistente a ludibriar as novas formas urbanas. Mas ainda assim, no estereótipo encontra-se um *exagero no contraste*, que produz o efeito do *típico*, menos acentuado no antibucolismo que nos apresenta Williams.

De todo modo, o que se quer ressaltar aqui é que, diferente do neobucolismo em que sobressai a idealização da *paisagem* ou da *natureza*, no antibucolismo encontramos tematizada a *figura humana*, antes apenas suposta no interior da descrição da paisagem ou da ordem natural⁸.

1.2. Estereótipos

Uma outra forma textual-discursiva recorrente pela qual figuras do universo rural são encontradas na linguagem pública urbana é a do estereótipo. A figura do *caipira*, nitidamente demarcada na literatura, como dissemos acima, e que se reatualiza na mídia, na música, em produções languageiras cotidianas, representa em síntese o estereótipo do rural. Enquanto linguagem não-verbal, materializa-se na imagem visual do caipira típico com seu traje a rigor: o xadrez, as cores fortes, o chapéu, o remendo quando no ápice dessa produção do típico. Enquanto linguagem verbal, o principal *locus* do estereótipo se encontra na própria denominação de "caipira" (ou de "jeca"), que instituem objetos de referência cujo valor simbólico é diferente de "lavrador", "camponês" ou "agricultor".

Em comparação com o processo gráfico de produção de efeitos de sentidos visuais, a estereotipia pode ser pensada enquanto caricatura e/ou enquanto estilização. No primeiro caso, apresenta como traço formal o aumento exagerado de aspectos particulares do objeto (imagem) que é caricaturizado. No segundo, o procedimento gráfico é inverso, com a diminuição de traços e linhas, o que aplaina os aspectos

⁸ No romantismo brasileiro encontramos a produção também da figura humana do índio de modo bucólico e idealizado, mas essa descrição faz parte de um acontecimento discursivo que ultrapassa a questão da relação rural/urbano no sentido mais tradicional desses termos, já que se insere em toda uma prática específica de descrição européia do novo mundo, e que não escaparia, no final das contas, ao tom dessa prática neobucólica de descrição da paisagem e da natureza.

particulares do objeto (imagem) que é estilizado. Assim, na estereotipia temos, por um lado, pela caricatura, uma impressão de excessiva proximidade do olhar com relação ao objeto observado, como em uma lente de aumento dos caracteres. E por outro, na estilização temos a impressão de um distanciamento do olhar, pelo qual um objeto é visto *en gros*, aplainado nos detalhes. Nos dois casos tem-se, na imagem gráfica, a produção de um estranhamento que leva ao reconhecimento de uma outra imagem retratada.

Quanto ao estereótipo verbal, esses efeitos de proximidade e de distanciamento podem ser pensados como aquilo a que Maria Cristina Leandro Ferreira (1993) se refere como uma *flexibilidade entre a plenitude e o esvaziamento do sentido*. Esta flexibilidade, segundo a autora, permite ao estereótipo um funcionamento que "*envolve mecanismos sociais/culturais presentes no modo de sustentação do status quo que se realizam pela reiteração de enunciados que expressam o saber comum*". Analisando o funcionamento de enunciados estereotipados sobre o brasileiro ("o jeitinho brasileiro", "Deus é brasileiro", o "vale tudo" da lei de Gérson) quando ditos por brasileiros, a autora mostra que além de serem repetidos por adesão convicta, funcionam também, em certas circunstâncias, como estratégias de cumplicidade por conveniência.

Acreditamos que esse funcionamento como estratégia de cumplicidade se apresenta também na situação de que falamos - conforme já assinalou Williams ao se referir à "aparência necessária de rejeição do rural" - nas circunstâncias em que os sujeitos migrados do campo reproduzem o estereótipo sobre o caipira. Aliás, estando o estereótipo enredado em um nó de equívocos, como estamos tentando mostrar, no lugar de cruzamento de diversos fios condutores de imaginários distintos, a sua produção também acaba funcionando às vezes pelo avesso, ao produzir o efeito de um *nouveau urbano* a exibir "seu" novo saber.

Considerando as observações de Pêcheux (1969), a compreensão do fato discursivo requer ainda uma análise para além das estratégias discursivas que se situam no plano da *formulação* do discurso, onde operam mecanismos de seleção (e de rejeição) dos enunciados. Segundo o autor, esse plano da *formulação* funciona a partir de um outro, em que se *constitui* o discurso (e a orientação simbólica do sujeito), a cuja formação não se tem acesso enquanto simples sujeitos falantes, pois se tratam de amplas redes de memórias históricas, cujas origens nos ultrapassam. Assim, algumas

observações se fazem necessárias também sobre esse plano constitutivo do sujeito e do discurso, no que se refere à modalidade do estereótipo do caipira, em sua relação com a retrospectiva. Isto se torna possível, como nos parece propor Orlandi (no prelo), por meio de um dispositivo teórico-analítico que permite atentar para os *gestos de interpretação* e a configuração dos lugares discursivos que se realizam através dessas enunciações do rural.

2. Estereotipia e retrospectiva no domínio simbólico

Para isto, vamos começar reconhecendo que se no plano da enunciação as formas da retrospectiva e do estereótipo se diferenciam - a retrospectiva neobucólica tendo como principais objetos de idealização a paisagem e a natureza, e o estereótipo, tanto quanto o antibucolicismo, tendo a figura humana tematizada em primeiro plano - ainda assim elas guardam um paralelismo no domínio imaginário. Primeiro porque as figuras antibucólica e estereotipada do caipira podem se apresentar somadas, ou mesmo misturadas à modalidade discursiva da retrospectiva. Mas sobretudo porque a estereotipia apresenta uma contraparte do mesmo imaginário do ideal de beleza e deleite campestres. Estas formas de abordagem do rural se reencontram, pois, pelo seu caráter de idealização, na produção do imaginário de um rural típico.

Por outro lado, a partir do que vimos acima, parece-nos que a retrospectiva e o estereótipo funcionam, em contextos de imigração, como modalidades discursivas formalmente diferentes entre si, porém ambas envolvidas em um mesmo processo simbólico de *formulação de uma distância do sujeito com relação ao universo rural e seus objetos de referência*; distância de um sujeito que diz (a própria produção de um *lugar de observação* do rural) com relação ao objeto que toma forma nesse dizer (a paisagem, a natureza, o camponês, o caipira). Esta tomada de distância aparece mais tênue na retrospectiva, e se apresenta como uma cisão mais definida na estereotipia, quando constrói explicitamente um rural como outro absoluto.

Nas produções discursivas que vimos analisando, a montagem dos lugares de sujeito e objeto do discurso (o que diz e o que é dito), levados por vezes ao limite da

cisão, produz no mesmo gesto uma posição (lugar) de um sujeito urbano, ao lado do rural como outro. Isto se dá em um complexo processo de identificação, em que jogam ao mesmo tempo o necessário estabelecimento de fronteiras na representação das unidades identitárias, mas também um exagero nesta separação, a qual acaba por produzir um Outro completamente Outro (o rural-exótico), ao lado de um si-mesmo absolutamente idêntico, repleto (saturado) em seus sentidos, *auto-coincidente com eles e portanto consigo próprio*, para dizer nos termos de Jacqueline Authier (1994). Esta é uma forma de configuração de unidades identitárias fixamente delimitadas, completas, acabadas, que se representam o único lugar possível do "natural" dos sentidos.

3. Mobilidade social e movimento dos sentidos

No contexto da imigração que acompanha o crescimento das grandes cidades, tanto quanto da urbanização de regiões interioranas, a mobilidade geográfica dos indivíduos requer (e produz), enquanto condições de produção dos sentidos, uma alteração também na orientação simbólica, quanto às imagens que o sujeito faz de si, do outro, dos objetos de referência. O lugar de um e do outro, os espaços do sujeito e do objeto, da perspectiva discursiva e do tema do discurso, se põem em movimento. É no interior desse estado de coisas que vemos um valor em considerar a retrospecção e a estereotipia sobre o rural em nosso país. Sendo uma modalidade discursiva presente em circunstâncias muito diversas das experiências de simbolização do homem, conforme nos ensina Williams, a retrospecção parece funcionar de um modo particular em condições históricas que produzem intensa mobilização no domínio simbólico.

É nesse sentido que entendemos, por exemplo, a intensa produção discursiva - retrospectiva ou bucólica - em que o rural brasileiro se faz tema (objeto de discurso), sobretudo na música, no período inicial da aceleração do desenvolvimento urbano (dos anos 30 aos 50), cujos números e variações temáticas nos são detalhadamente apresentados por Wolney Honório Filho (1992). Nesta e por esta produção discursiva, as imagens de um país rural vão podendo ser postas à distância pelos sujeitos, ao se estabelecerem as novas condições urbanas, até que as referências do/ao universo rural

possam ceder espaço para a simbolização dessas novas condições urbanas e dos sujeitos como cidadãos.

Essa "passagem" de uma condição rural à urbana, contudo, entre outras coisas, demanda tempo, um tempo de significação. Mesmo depois de tornar-se um país urbano, relata Williams, a propósito da Inglaterra, esse país prolongou por muito tempo sua produção literária sobre o campo. Os antigos países da velha Europa levaram séculos para realizar essa travessia, podendo ir se vendo gradualmente diferentes desde a criação do arado até a elevação da cidade mais moderna.

Sendo assim, nas circunstâncias em que o processo da urbanização é acelerado, desigual, heteróclito, como no Brasil, a rapidez dessa "passagem" produz entraves no plano simbólico. Nesse sentido, a retrospectiva sobre o rural, parte do processo constitutivo da significação de um novo real sócio-histórico, pode levar um certo tempo se fazendo, e pode até permanecer ou esgotar-se em si mesma, produzindo isso a que Afrânio Coutinho (1959:201) se refere, a propósito dos regionalismos exacerbados em literatura, como *"uma forma de escape do presente para o passado, um passado idealizado pelo sentimento e artificializado pela transposição de um desejo de compensação e representação por assim dizer onírico"*. Face à ausência ou à recusa das referências que o novo real urbano impõe de modo abrupto a um grupo social, um recuo às referências simbólicas tal como organizadas antes no universo rural pode servir como ponto de ancoragem. Disso resulta a produção discursiva da retrospectiva, pela qual o universo rural vai se formulando como distante. Ou então, em tal situação, pode ser tomada como parâmetro pelos sujeitos a organização dos sentidos tal como já produzida nos discursos urbanos com relação ao rural (o rural-outro, o rural-caipira). Contudo, parece haver ainda assim uma não-coincidência entre imagens, já que se tratam de imagens idealizadas ou já distanciadas, produzidas por sujeitos que se encontram em outro lugar/tempo de produção de sentidos.

Desse modo, a formulação discursiva de um rural passado/outro/distante na retrospectiva e na estereotipia apresenta um funcionamento duplo. De um certo modo, ela pode favorecer a manutenção de um universo simbólico rural para o sujeito, quando as suas referências não ultrapassam o tempo-espaço simbólico da retrospectiva enquanto lembrança em si mesma. Neste funcionamento, a estereotipia parece desempenhar uma

função de valor: sujeitos migrantes, se vendo como sendo vistos pelo urbano, não se reconhecendo exatamente em figuras típicas, mas correndo o risco de ser interpretados através delas, resvalam para outras imagens de rural, como aquelas de um rural da infância, produzindo assim a retrospecção. Nesse sentido a reprodução do estereótipo por esse sujeito também pode funcionar como tomada de distância em relação às figuras típicas.

E de um outro modo, ela pode proporcionar, através da colocação do referencial rural como passado/outro/distante, o engendramento, no contexto presente, das referências simbólicas mais próprias do urbano, através da *formulação explícita, pela via da retrospecção*, das referências rurais com verbos no *passado*, com advérbios demarcando as *distâncias na representação espacial*, com a enunciação discursiva delimitando o rural como um *outro*. Neste caso, as novas condições de produção que se estabelecem para o sujeito através da mobilidade geográfica podem se engendrar como objetos de referência de seu discurso.

A esta altura, seríamos levados a outras formas mais complexas de relação entre os universos rural e urbano, em discursos atuais, onde os reencontramos em confronto não *entre si enquanto unidades referenciais e identitárias separadas*, mas novamente, tal como na configuração formal do bucolismo clássico, enquanto universos que se distinguem e confrontam no interior de uma *mesma unidade* que envolve ambos, processo que pode colocar a questão do rural no domínio de uma universalidade. Esta configuração merece ser investigada de modo mais completo do que nos caberia nesse momento, já que os referenciais simbólicos rurais e urbanos parecem se encontrar hoje presentes no seio da *mesma cidade*, no Brasil. O campo já não é só o campo lá distante, mas está presente nos arredores e no meio da cidade. Do mesmo modo, a cidade também se estendeu até o campo.

Apenas vamos assinalar, rapidamente, situações em que encontramos não o imaginário de uma simples contradição e oposição entre elementos urbanos e rurais, enquanto *duas unidades separadas*, e nem tampouco, como no bucolismo clássico, uma oposição direta entre estes elementos no interior de uma *mesma unidade*, mas uma (des)conexão um pouco mais transversal e heterogênea, com atravessamentos em suas combinações.

Em poesias como as de Thomson, conforme nos apresenta Williams, nas referências ao campo e à cidade, encontra-se um toque de melancolia inextirpável, contrastando com os tons de estabilidade, satisfação e auto-complacência das outras formas de literatura por ele analisadas. Com efeito, a melancolia pode ser associada ao caráter trágico da mistura ou divisão entre diversos universos discursivos que atingem e dividem o homem contra si mesmo, conforme nos mostram Vernant e Vidal-Naquet (1977) a respeito do gênero literário da tragédia entre os gregos, no momento da passagem de um universo simbólico pautado na mitologia para aquele baseado no direito e seu juridismo. Nesse sentido, até mesmo a sátira, presente no antibucolismo e no estereótipo, não deve permanecer isolada deste aspecto, já que a comédia tem sua contraparte trágica.

Isto não está distante da ambigüidade enquanto um outro recurso que desregula a oposição entre esses elementos. Por ela, um mesmo texto pode oferecer a possibilidade de mais de uma leitura, sendo que a crítica presente nele pode ser remetida a um ou a outro universo. Nesse sentido, há uma leitura da figura do caipira sem jeito, que desconhece e estranha o real urbano, em Mazzaropi, que a apresenta como tendo um funcionamento ambíguo, conforme Honório Filho (op. cit.): ao mesmo tempo que é crítica ao homem rural, ela o é também com relação ao crescimento da cidade, estranhada por seus próprios habitantes.

Caberia ainda analisar aquelas formas menos organizadas de representação e de relação com "o campo" no interior do espaço urbano, como podemos vislumbrar através dos lotes urbanos com plantações de feijão, mandioca, milho etc., tanto em vilas populares quanto em bairros de classe média, numa cidade como Campinas. Ou ainda, em objetos simbólicos (gamelas, pedaços de carroças) que não são nunca dispensados, saturando os fundos de quintais, ou usados como objetos de decoração, no interior mesmo das paisagens urbanas.

Neste momento, contudo, queremos apenas frisar que a retrospectão, em seus entrecruzamentos com a estereotipia, enquanto gesto discursivo, pode tornar possível ao sujeito não apenas uma reação à mudança e ao presente, enquanto radicalismo retrospectivo e tradicional, como tem sido considerada muitas vezes, mas se apresenta como parte implicada no/do próprio processo de significação, da inelutável confusão e

reorganização dos sentidos, em contextos de interferência abrupta entre distintos universos simbólicos.

BIBLIOGRAFIA

- Authier-Rèvuz, J. "Falta do dizer, dizer da falta. As palavras do silêncio". In *Gestos de Leitura*. Eni P. Orlandi (org.), Campinas, Ed. da Unicamp, 1994.
- Bordenave, Juan Diaz (1983) *O que é Comunicação Rural*. São Paulo, Brasiliense.
- Buarque de Hollanda, Sérgio (1936) "O Semeador e o Ladrilhador". In *Raízes do Brasil*, 26^a. ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- Coutinho, Afrânio (1959). *Introdução à Literatura no Brasil*. 11^a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- Honório Filho, Wolney (1992). "O sertão nos embalos da música rural". Dissertação de Mestrado, Depto. de História PUC, São Paulo.
- Leandro Ferreira, Maria Cristina (1993) "A antiética da vantagem e do jeitinho na terra em que Deus é brasileiro (O funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade)". In *Discurso Fundador*. Eni P. Orlandi (org). Campinas, Pontes.
- Morello, Rosângela (1995). "Os meandros da alteridade. Marcas de dizer e indistinção de vozes no discurso". Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, São Paulo.
- Orlandi, Eni P. *Interpretação*. Petrópolis, Ed. Vozes, no prelo.
- Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989). *Vozes e Contrastes. Discurso na Cidade e no Campo*. Campinas, Ed. Cortez.
- Payer, M. Onice (1993). *Educação Popular e Linguagem. Reprodução, Confrontos e Deslocamentos de Sentidos*. Campinas, Ed. da Unicamp.
- Pêcheux, Michel (1975). *Les Vèritès de la Palice*. Paris, Paspero. Tradução Bras. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1988.

- Pêcheux, Michel (1969). "Análise Automática do Discurso". In *Por uma Análise Automática do Discurso*. T. Hak e F. Gadet (org.), Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.
- Santos, Milton (1993) *A Urbanização Brasileira*. São Paulo, Ed. Hucitec.
- Signorini, Inês (s/d). "Explicar e mostrar como fazer X, em situações dialógicas assimétricas". UFPB, mimeo.
- Vernant, J.- P. & Vidal-Naquet, P. (1977) *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Tradução de A. L. Almeida Prado et alii. São Paulo, Duas Cidades.
- Williams, Raymond (1973) *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.